



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

DA UTOPIA A ESTEPE: UM ESTUDO DA IDENTIDADE AFRICANA

Adma Cristhina Salles de Oliveira¹

[...] Nossa geração teve pouco tempo começou pelo fim, mas foi bela nossa procura ah! Moça como foi bela nossa procura mesma com tanta ilusão perdida quebrada, mesmo com tanto caco de sonho onde até hoje a gente se corta. Alex Polaris.

RESUMO: O artigo visa discutir como as duas obras de Pepetela : *O Planalto e o Estepe*(2000) e *A Geração da Utopia*(1992), os quais estão inseridos no paradigma pós-colonial, da história contemporânea enfatizando a guerra de Angola. O texto pressupõe uma proposta de reflexão da literatura luso- africana, colaborando em especial na disseminação e divulgação dos problemas pertinentes ao continente africano, problemas estes culturais e identitários.

PALAVRAS-CHAVE: Pepetela, memória, pós-colonial

INTRODUÇÃO

O artigo discute a possibilidade de procurar uma identidade nacional luso africana, que se apropria e instrumentaliza a chamada “literatura de margem” como forma de divulgação dos ideais democráticos. Outra importância implícita, nas obras: *O Planalto e o Estepe* e *A Geração da Utopia*, é a questão histórica do século XX, marcada pelo começo e fim das mudanças estruturais das sociedades tradicionais africanas e da sociedade europeia, pois estas estruturas e infra-estruturas estabelecem a supremacia do proletariado no processo de descolonização. Nossa contribuição acadêmica é proporcionar uma leitura do romance angolano a partir dos conceitos contemporâneos como identidade, utopia², distopia³, mito⁴ e místico diante de uma visão binarista da literatura pós-moderna, pós colonial.

¹ Professora da UEMS- Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

² A palavra utopia, na literatura, significa a criação de outras ordens sociais, é afirmar que existem outras realidades, que outros contextos são possíveis (PERRONE-MOISÉS, 1998).

³ A professora, Jane Tutikian Doutora em Literatura Comparada. Professora de Literatura Portuguesa e Luso - Africanas na UFRGS. (2006.p.40) situa e esclarece o contexto de distopia no olhar das obras de Pepetela



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

Ao investigar o caráter de matriz histórica e cultural africana, poderemos compreender a nossa condição identitária de afro-brasileiro suas hibridizações na formação da sociedade brasileira. É importante ressaltar, que ao relevar o desvelar dos estudos sobre o continente africano colonizado por portugueses, descobrimos as influências e diferenças a formação cultural afro-descendente.

Não existe só uma leitura possível a respeito de uma obra quando pretende-se discuti-la não apenas como uma produção literária, mas sim como um objeto de estudo sociológico e histórico. A Contemporaneidade exige um novo tipo de olhar, um olhar inclusivo sobre a África, voltado para suas origens, (visão do cosmo) quebrando com a visão linear e cartesiana ocidental. E a literatura vem assumindo ao longo do final do século XX um caráter que a maioria da academia não concorda, mas que está posto: o de leitora da história e da sociedade. No caso específico dos romances de Pepetela, o texto literário, põe o leitor pesquisador diante das transformações culturais mundiais, tanto o conhecimento tradicional africano quanto a visão eurocêntrica constitui o homem, moderno ou pós-moderno.

Ao descrever este sujeito omnilateral podemos refletir que este homem é fruto da descolonização, do rompimento a fórceps da sua cultura tradicional. O processo de colonização europeia ocorreu, na América e na África pela imposição eurocêntrica do colonizador sobre a força da barbárie, o que provocou marcas sangrentas nesses continentes.

“Quisemos fazer desta terra um País em África” – eis o mote da busca e da construção de uma identidade utópica – “afinal fizemos mais um país africano” – eis o encontro com a identidade distópica (PEPETELA, 1993, p. 296). É ela o novo discurso, porque seu tempo é também um tempo distópico, apontando para uma realidade em que o sujeito opositor não é o *outro*, mas o *próprio*, num enfrentamento consigo mesmo. Entretanto, no meio da distopia, há, ainda, em Pepetela, algum resquício de esperança.

⁴“Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história. Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentar a morte, e todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e depois à morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos. Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida[...] Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. É disso que se trata, afinal, e é o que essas pistas nos ajudam a procurar, dentro de nós mesmos”. (CAMPBELL, 1991.p.11)



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

A forma de colonização estabeleceu a condição de poder oligárquico, não só nas relações sociais, mas também literárias. Assim sendo a literatura basta a discutir, em romances memorialistas e históricos a condição do colonizado após um longo período de colonização. E quem são esses colonizados? Lá e cá, pois o verso do espelho da África é o Brasil, esses personagens afrodescendentes, escondidos pelo pseudo branqueamento, no Brasil; e em Angola pelo esquecimento dos mitos ancestrais. São esses grupos, que distanciados pelo Atlântico, se tocam não só pela cor e pela religião, mas por uma história de colonização.

Foi dentro da ordem social colonialista que o continente africano foi constituído, a história é contada e oficializada, há, no entanto os bastidores de outra história, de outra ordem social. Devido às mazelas e contradição, a história não contada carrega a intenção do apagamento e desterritorialização cultural (SANTOS,1999). Ao subjugar a cultura africana ou afrodescendentes promove-se um embranqueamento cultural, favorecendo a ordem de cultura de dominação eurocêntrica.

O poder público, o sistema oligárquico por acreditar neste embranqueamento eurocêntrico se desresponsabiliza de constatar a exclusão social instaurada, pois o fato de não resguardar os direitos a memória da identidade dos africanos e afrodescendentes, confirma o preconceito histórico, político, econômico, cultural e racial, neste caso também relatado nas obras que serão analisadas nesta proposta de tese. Nesse sentido, podemos evocar as palavras de Roberto Corrêa dos Santos, ao registrar que:

A memória, tratada como categoria da História é, em certo sentido, uma metáfora. Metáfora magnífica, por abrigar carga altíssima de possibilidades de sentidos, bem como de perspectivas críticas, e por – em sua natureza antropológica – abraçar grande variedade de estratos de estádios, abrangendo desde valores de pequenos grupos sociais até valores de nações, envolvendo aí tópicos de cultura em geral, traços de mentalidades e formas de destinos coletivos, recortados sempre pelos diversos ritmos do tempo, conforme a escolha daquilo a ser, como Memória, pensado (SANTOS, 1999, p.15).

A construção desta identidade constitui-se a história desse grupo, das vozes do local da cultura, o qual está inserido (BHABHA, 1998). A importância dessas vozes se dá pelo resgate



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de
2011

memorial da história, do que fomos? O que somos? E o que queremos? Enquanto sujeitos colonizados ou colonizadores.

Compreender como são e foram constituídos, como se constituem os sujeitos sociais, e hibridizados ao longo do tempo? Estas indagações se fazem pertinentes para entendermos a temporalidade narrativa da memória apresentada (TONI MORRISON, 1992). Homens e mulheres negras, sempre estiveram presentes neste binarismo cultural de opressores e oprimidos, lutaram contra a escravidão e conseguiram a abolição, mas não a cidadania, construir esta cidadania é algo complexo. Lidamos com os preconceitos seculares de nossa sociedade, preconceitos culturais e raciais, que são cíclicos e pertencem a uma ordem social, já instaurada.

A cultura, assim como o tempo contemporâneo, estão marcados pela fragmentação e pela hibridização, a diversidade e a pluralidade, do mundo que nos rodeia, não pode ser passional, nosso olhar sobre ele deve ter sim olhar da dúvida, do questionamento, manter um olhar radiográfico diante das heteronímias, possuir um distanciamento histórico diante das reflexões e mudanças imediatistas da contemporaneidade. Tanta pluralidade social e o alijamento epistemológico podem nos levar a uma confusão, ou superficialidade diante do conhecimento literário, ou equívocos conceituais na construção teórica da literatura.

Questiona-se, portanto, qual é a condição da literatura hoje? A literatura é resultado de uma manifestação cultural ou a literatura é uma representação cultural? Que lugar de importância a ocupa cultura africana realmente em nossa sociedade? Estas são uma das problemáticas e das premissas a serem investigadas, a fim de compreender incógnita da identidade afro-portuguesa.

A Geração da Utopia (sonho & distopia) e *O Planalto e a Estepe* (distopia & utopia) estão ligados por uma relação intertextual tanto as narrações de um, quanto do outro apresentam textos narrados, seus personagens estão muito próximos da realidade histórica/social.

A literatura comparada seria o (entre-)lugar onde, entre o “eu e o outro” pois pertencem, a fronteira, no entremeio da literatura eurocêntrica também intituladas de literatura de margem, ela pertence ao entre lugar, a uma lacuna entre o olhar literário de primeira ordem



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

e o de segunda, pois estão fixadas e se deslocam na diversidade e a crítica, é como se fossem duas colunas e um vão circular que circula uma espiral de saberes, neste caso das obras de Pepetela são saberes africanos milenares, deixados no esquecimento ou no apagamento cultural, aqui retomados nas narrativas dos textos mas muitas vezes não registrados e incompreendidos no universo e historia oficial. Nos enredos das obras aparecem narrativas que se convergem. Sua constituição se dá por pontos de convergência e pelo distanciamento e deslocamento de uma cultura que migra, por ser permeável, de hibridização de uma obra sobre a outra, dando a ideia de continuidade. Estes saberes na literatura comparada são convergentes.

É como afirma Carvalhal

a literatura comparada é uma prática intelectual que, sem deixar de ter no literário o seu objeto, confronta-o com outras formas de expressão cultural. É, portanto, um procedimento, uma maneira específica de interrogar os textos literários não como sistemas fechados em si mesmos, mas em sua interação com outros textos, literários (2003, p. 48)

Este saber pode partir das mesmas matrizes culturais ou de diferentes matrizes, pode haver um dissídio em relação, ao tempo ao espaço, a outros conhecimentos, outros contextos, mas a existência de uma convergência é o grande ponto de troca. Os saberes podem ser comparados este é ponto de encontro, esta é a convergência, pois ao migrar nesta passagem podemos então dialogar. Este olhar interdisciplinar, permite o transito de uma área a outra, permite utilizar teoricamente e metodologicamente outros saberes que podem participar e colaborar na discussão do mesmo paradigma com olhares e linguagem discursivas que colaboram na investigação do objeto, esta é a grande colaboração da literatura comparada o dialogismo⁵ a intertextualidade⁶. Pode-se dizer que há intertextualidade entre os dois romances do escritor angolano, Artur Carlos Maurício Pestana conhecido com o pseudônimo de “Pepetela”. Esta informação deve estar no começo.

⁵Toda a vida da linguagem, seja qual for seu campo de emprego (a cotidiana, a prática e científica, a artística etc.), está impregnada de “relações dialógicas” (BAKHTIN, 2003, p.240).

⁶Bakhtin é um dos primeiros a substituir o recorte estático dos textos por um modelo onde a estrutura literária não é/ não está, mas se elabora em relação a uma outra estrutura[...] todo texto é absorção e transformação de outro texto. No lugar de noção de intersubjetividade instala-se a noção de intertextualidade (KRISTEVA, 1974).



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

Pepetela apropria-se da literatura para manifestar o revolucionário, o sonhador de uma utopia, de um projeto político, de uma ideologia, vibrando com a utopia com o fortalecimento de uma nação e se decepcionando com os mentores desta mesma utopia, pois a “escolha de ser escolhido” estabelece-se algo paradoxal politicamente, ideologicamente, pois encontramos a crença e descrença em nessas obras. Em relação à identidade a hibridização é inevitável, pois à procura de sua identidade africana e portuguesa imbricada num mesmo ser. Pepetela é o menestrel da consciência cidadã, tornando história da sua própria história, contundente em suas posições políticas, apropria-se da literatura a fim de representar o que é tão histórico tão real.

Ele é co-participante da temática histórica e dos problemas sociais de sua terra Angola, o mesmo apropria-se da literatura, para a construção de uma consciência coletiva, bem como a construção de uma identidade nacional.

Nesta análise, serão contrapostos fragmentos textuais, a fim de encontrar o dissídio e desdobramentos das obras literárias, como estas se imbricam por uma interseção, haja vista, como já disse, Pepetela lança mão da ficção para retratar fatos históricos vivenciados na década 60 e 70 e 90 (utopia) com a ditadura, colonialista por meio da obra *A Geração da Utopia*. Pepetela nasceu numa região fronteiriça do velho reino de Benguela, onde terminava a cidade branca e começava o musseke, cultura angolana, de influência euro-ocidental, portuguesa. Seus enredos procuram a questão da identidade africana, por meio das narrativas, as mesmas retratam a memória coletiva. Pepetela confunde-se com sua obra.

Podemos dialogar com Tutikian para compreender quem é Pepetela:

Esteticamente inquieto, o escritor renova em sua obra, sobretudo a estrutura, no que diz respeito ao ponto de vista, o que está ligado à própria tradição oral africana, o que também se evidencia na utilização de uma linguagem que transita livremente entre o Português e as línguas nacionais angolanas, notadamente no vocabulário e expressões codificadas da Revolução. (2010, p.72)

A questão da identidade está presente praticamente em boa parte de suas obras, (*As aventuras de Ngunga* (1973), *MuanaPuó* (1978), *a Geração da Utopia* (1992), *o Planalto e a Estepe* (2000), *ou Yaka* (1984), *Mayombi* (1980), *Lueji, o nascimento dum império* (1985), *a Montanha da Água Lilás* (2000), *a Parábola do Cágado, Velho*. em todas estas obras ele aponta a corrupção na desmitologização do poder nas relações civis e dos interesses do Estado



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

e o discurso ancestral como forma de procura uma identidade nacional. Na literatura afro-brasileira podemos citar; o romance *PonciáVicêncio*, da escritora mineira Conceição Evaristo, a obra é um instrumento de denúncia, que contribui para a quebra com o silêncio da história oficial. A construção da tessitura do romance está inserida nas relações culturais, identitária, da memória e da ancestralidade.

Consideramos a ancestralidade de acordo com Adolfo, quando afirma que a maioria dos africanos que vieram na condição de escravizados para o Brasil foram os Bacongós e os Ambundos, ambos de origem banto⁷. Os bantos cultuavam os ancestrais, que são seus antepassados mortos “... a comunidade é composta não apenas dos homens vivos, mas também dos homens mortos (os antepassados) e daqueles que estão para nascer. Nenhuma atitude mais séria ou uma ação mais objetiva são tomadas na comunidade sem antes se consultar o antepassado, ou um Inquice.” (2010, p. 13)

Seguindo o mesmo fio condutor de romance histórico, noutra obra, *O Planalto e a Estepe*, verificam-se os impactos contemporâneos de um sonho, de uma ideologia, de uma autonomia política e identitária africana que não ocorreu; retomam-se características condutoras do primeiro romance, mas com a maturidade do tempo e a descrença de ideais não construídos, esquecidos, em busca da identidade africana e portuguesa, que são uma só. Deste modo, com a corrupção herdada do poder autocrático do colonizador, ocorre um conflito, uma vez que esse homem não é totalmente africano ou português.

Uma das características do romance histórico, no século XX, é a presença da polifonia. A polifonia nos romances citados consistem num grupo de diálogos que intercedem narrativamente, diante do envolvimento emocional com uma causa. Aparece no desvelar de religiosidade e circularidade do universo africano tradicional, por meio do conhecimento oral, tramitado de geração a geração, ou diante do envolvimento de alguns personagens como uma utopia ideológica e as decepções de um mundo contemporâneo, das nomenclaturas e instrumentos narrativos, havendo uma combinação temática e dramática do enredo relatado.

⁷Vemos que *Banto* é uma designação apenas linguística. Pelo uso, entretanto, a denominação se estendeu e hoje, então, sob a designação de *Bantos* estão compreendidos praticamente todos os grupos étnicos negro-africanos do centro, do sul e do leste do continente que apresentam características linguísticas comuns e um modo de vida determinado por atividades afins (LOPES, 2006, p. 105).



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

Diante da análise daquilo que nos propusemos a fazer a cultura africana e portuguesa, é mola mestre deste projeto, se as implicações sobre cultura tradicional africana e ocidental europeia estiver ligada ao descolamento ou seja sociedade da cultura, pois qualquer que seja a análise executada neste projeto, podemos afirmar que as análises sempre irão partir de uma base teórica literária sendo a cultura uma condição indissociável da sociedade.

Portanto a literatura/sociedade/cultura, são motes que pertencem à vida social, são ligados pelas estruturas sociais, pelos valores, pela ideologia para explicar as teorias implícitas classificam-se em ter grupos de acordo com Candido:

O grau e a maneira por que influem estes três grupos de fatores variam, conforme o aspecto considerado no processo artístico. Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: *a)* o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, *b)* escolhe certos temas, *c)* usa certas formas e *d)* a síntese resultante age sobre o meio.” (2000,p. 25)

A arte da literatura trabalha a temática do contexto histórico, pois há complexidade em transpor a inter-relação e continuação das obras literárias, afinal é ficção representando a realidade. Quando se trabalha com um romance, elucida-se sempre o ficcional e o imaginário, porquanto não se deve esquecer que esse imaginário impulsiona o romancista quando este opta pelo caminho do romance histórico.

A literatura pertence a sistemas semióticos, com características individuais e diferentes, podem se aproximar com uma linguagem multifocal, com capacidade de transposição cultural de linguagem, neste caso das obras a serem analisadas, *O Planalto e a Estepe, e a Geração da Utopia*, percebida nos movimentos de ascensão revolucionária e com o descrédito e a queda dos sonhos libertários; implicitamente, presenteia-nos com o mítico, pois há uma cultura, um olhar e uma linguagem diferente. Não se trata de enfatizar o sobrenatural, ou o fantástico, mas de ter a visão multifocal da obra, pois o mito para a cultura tradicional africana é cíclica, um fio da vida; é como afirma Pepetela, “só os ciclos eram eternos” (*a Geração da Utopia*, 2008 p.11) e, no universo cultural tradicional africano, identifica-se com o sagrado (ELÍADE, 2008).



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

Em um segundo momento desta divisão arbitrária propõe desenvolver *o resgate dos mitos africanos*, seguindo este fio discutiremos a questão do discurso oral africano, presente nas obras, como este discurso escrito por Pepetela resgata a oralidade, para tanto o mito ancestral passou por um processo de transposição da narrativa oral para a narrativa escrita.

Nos apontamentos e declarações os conceitos da (utopia/distopia), em relação aos mitos na literatura africana, explícito nas obras é um indagar e afirmar constante. Desta forma a procura da identidade africana é forte, como marca discursiva na escritura de Pepetela. A ancestralidade está presente no tempo mítico das obras.

Nesse sentido podemos dialogar que o entendimento destas manifestações se serve de situações contraditórias para ser compreendidas “o bem e o mal se misturam e se confunde universalmente, assim como a felicidade e a miséria, a sabedoria e a loucura, a virtude e o vício” (HUME, 2005,p.95).

Um dos mitos na literatura africana o culto aos ancestrais dos bantos em Angola é transmitido pela tradição oral. De acordo com Adolfo há várias narrativas míticas mantidas por essa tradição, transcrevemos a seguir uma das histórias contadas pelo pesquisador:

Dizem os antigos que na antiguidade o povo banto prestava certo culto e que, neste tipo de culto, um determinado chefe banto tinha o costume de se dirigir a uma montanha e lá fazer suas preces diretamente à Zâmbi, sendo sempre atendido. Acontece que este chefe vem a falecer e seu filho o sucede em suas funções. Só que o filho não sabe como desempenhar as atividades do pai, temendo estar diretamente em contato com Zâmbi, como fazia seu pai. Ele fica desesperado, não sabe como agir e seu povo precisa de ajuda. É aí que lhe ocorre: apenas meu pai tinha coragem de estar diretamente com Zâmbi, porque então não chamar de volta o espírito de meu pai para que ele possa interceder por mim e meu povo perante Zâmbi? E assim foi feito. (ADOLFO, 2010, p. 100)

Entendemos o culto aos ancestrais como parte da cultura africana, pois a perpetuação da herança cultural identitária foi interrompida. Logo abaixo dois excertos dos romances *A Geração da Utopia e O Planalto e a Estepe* demonstram a necessidade de resgate da herança ancestral.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

O mesmo se passava com Benguela e com Malanje, e toda a Angola. Cada um ficava agarrado às suas recordações da infância e transmitia aos outros, que as viviam como próprias. E a idéia de cada vez mais mítica da terra longínqua, feitas de impressões misturadas, em que se cruzava a cadência do Kissanje, com as frutas do planalto e as zebras do deserto do Namibe. A distância emprestava às coisas o tom patinado da perfeição. Foram anos de descoberta da terra ausente (**mítico da força vital**) [grifonosso] (PEPETELA, 2008, p.13, 14).

Os parentes de Sarangerel estavam encantados com o vigor e exuberância da terra e a variedade das paisagens, pois se podia passar na mesma jornada da mais densa floresta tropical, para o estepe semelhantes e o deserto semelhantes aos da pátria deles (**mítico da força vital**) [grifonosso]. Claro nas faces dos nossos filhos notávamos por vezes também a contrariedade da descoberta da miséria humana elevada ao máximo dos expoentes. (PEPETELA, 2008, p.181)

Há um desprendimento transcendental, vive-se um mundo paralelo entre o “real” e o “imaginário” (Lacan), neste mosaico de digressões percebemos como o mágico e mítico e o místico são marcantes. O processo que busca na memória a cultura afro e a ancestralidade, representa o cosmos (força vital) e a excentricidade representa o pensamento cartesiano, presentes no cotidiano oscilando entre o “real” e o “imaginário”.

As marcas místicas são transmitidas pela oralidade ligada à tradição e à origem do homem, ou seja, todo ser místico é mítico em sua origem, e isso depende apenas do pertencimento cultural, da verdade que uma cultura tem sobre a outra. O mítico é o enigmático, esta é a grande intertextualidade entre as culturas existentes; o mito é manifestação, é a sustentação da base narrativa, ou da oralidade do outro. Pertence à fundamentação e origem das outras sociedades e considera-se a base explicativa da origem do que é místico. Já o místico é a revelação de acordo com cada crença, com cada cultura (ELIADE 2008).

Neste momento da divisão do nosso objeto de investigação abordaremos como o conceito de identidade está imbricada nas obras de Pepetela: *a Geração da Utopia, e o Planalto e a Estepe, no pós – colonialismo*. De forma concisa dialogaremos com Sturt Hall, pois numa visão contemporânea, nosso entendimento, a grande questão é como conciliar a construção do novo homem, com as raízes ancestrais tão fortes na identidade do mesmo. Diante de tal dilema, vale lembrar as palavras de Hall, quando ele se posiciona quanto à(s) identidade(s) de forma diferenciada culturalmente:



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

Quando as identidades estão em questão, essa oscilação entre tradição e tradução [...] vem se tornando mais evidente num plano global. Por toda a parte, insurgem identidades culturais que não são fixas, mas estão na balança na transição entre diferentes posições; e são o produto de complicados cruzamentos e misturas culturais, cada vez mais comuns em um mundo globalizado. Pode ser tentador pensar na identidade, na era da globalização, como algo destinado a finalizar-se em um ou outro lugar: retornando as suas raízes ou desaparecendo através da assimilação ou homogeneização. Porém, esse pode ser um falso dilema. (2003, p. 69)

HALL (2003) permite entender que, na verdade, nunca houve isenção cultural; as relações estão presentes nos traços da linguagem, das tradições das histórias orais, no fazer cotidiano do homem africano e português. O povo angolano é fruto de uma hibridização cultural, e quando posicionamos a defesa de uma identidade africana, não defendemos os reducionismos étnicos de uma cultura pura, do retrocesso ao passado, mas sim de conviver com a diferença, negociando as novas culturas as novas diásporas criadas pelas migrações pós- colonialista. Conduzir a tradição por meio da tradução de um novo tempo, de um novo espaço histórico e político é conduzir esse homem ontológico a um ser omnilateral.

Em relação aos romances apresentados, Pepetela carrega um discurso em sua escrita, uma energia de identidade tão mística/ mítica, tão européia quanto africana evidenciando que a tradição é cíclica, pois como ele afirma: “só os ciclos eram eternos” (HALL,2000,p.14) são contínuos: há muita hibridização e deslocamento cultural nas narrativasna trama de seus personagens, que reflete esta tradução cultural.

Pode-se parafrasear a afirmação de Tutikan(2009), que destaca o papel “Dos Movimentos dos Novos Intelectuais”, posicionando-se historicamente em defesa de Angola contra a alienação e a apatia em encontrar a verdadeira Angola. Essa expressão instiga os jovens do movimento que passam interpretar e explicar a questão do mítico cultural muitas vezes manifestada pela oralidade, pois

o passado espiritual e cultural dos angolanos tivesse cabimento num presente de progresso técnico e civilizacional, procurando-se, pois, a fusão o equilíbrio destas duas realidades para estribando-se nelas, se poder construir a Angola do futuro, onde o angolano se reconhecesse como tal, sem xenofobias, sem “vertigens absorventes”, mantendo intacta a sua força espiritual e cultural.(SALVATO,1979.p.49 apudTUTIKIAN 2009 p.28)



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

Estas marcas se dão pela oralidade, por meio da história oral, tem como característica sua dinamicidade. Quando falamos de história oral abrimos uma nova possibilidade para a teoria, para o registro dos fatos, pois esta possibilita a narrativa dos sentimentos, das emoções, das crenças, formas estéticas, do envolvimento ideológico, da subjetividade inerente ao homem e a sua cultura. De acordo com Alberti (2005, p. 118) “[...] a história oral é também uma metodologia”.

A segunda obra *O Planalto e a Estepe*, enfatiza um descrédito, uma distopia, onde a corrupção sobrepõe os princípios da moralidade do bem coletivo, o povo africano se descaracteriza não se reconhecem, a interrupção das experiências diaspórica rompem com os elos cíclicos naturais e espontâneos da sua natureza humana africana, este é um dos motivos por não conseguirem alavancar seus países nas questões identidades das sociais e políticas outro motivo é compreender como a tradição pode conviver com a tradução cultural (RURHDIE, 2003.p.70 apud HALL 2011, p.76).

No processo de construção de identidade do sujeito, com sua história de vida e dos diferentes grupos sociais, nos quais ideias e concepções entram em disputa, a memória individual constitui-se sob a influência social, pois esta não é independente, mas dialética. Ao afirmar e valorizar a história oral, a teoria materializa-se metodologicamente pela oralidade, podendo evidenciar o pensamento cultural na construção da identidade.

Destacamos, nas obras *A Geração da Utopia e O Planalto e a Estepe*, narrativas que descrevem e ilustram a guerrilha. Para tanto retiramos alguns fragmentos das duas obras. O primeiro de *A geração da utopia*: “O seu grupo era composto de onze combatentes. Andavam há quase um mês, vindos da Bié. Atravessaram os planaltos onde o mel impera rios e riachos, pântanos, chanas, mas, sobretudo matas” [...] (2008, p.141).O segundo do *O Planalto e a Estepe*: “tive uma infância feliz, livre. vivi. tive uma juventude de luta por nobres ideais, persegui sonhos, vivi uma revolução empolgante [...]” (2008, p.18.)Esses fragmentos representam a intertextualidade presente em ambos os textos, no objeto da revolução, pois há uma continuidade dos depoimentos memorialísticos sobre um momento da história recente de Angola.

Para reforçar a presença dessas vozes que se entrecruzam entre as obras, há o jogo polifônico. Das narrativas utilizadas pelo discurso libertário, submergem a ideologia, ou substituição política ideológica para a justaposição de outras, pois, como afirma pensador



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

Foucault em voz de domínio público, o discurso sempre é intencional, sempre carrega a substituição de um poder, de um saber pois carrega um sentido de valores que não podem ser esquecidos. Citamos e dialogamos com Kristeva criadora desta terminologia intertextualidade: O fato do discurso literário ser intertextual não perde a singularidade do autor, porque «assinala a intersecção da criação e da recriação, da invenção e da crítica» . (KRISTEVA, apud REBELLO, 2007, p.15)

A propósito, observe-se o que diz (KRISTEVA, apud REBELLO 2007, p. 15):

Compreende-se, então, que, nascida neste contexto de intertextualidade apareça primeiro como uma noção lingüística e abstrata, integrada à análise transformacional (redistribuição da ordem da língua e transformação dos códigos), a fim de levar em conta o social e o histórico.

O que ocorre aqui é uma transposição de textos, onde o narrador entrevera-se a extensão de outra obra, apoderando-se do conhecimento histórico, é possível distinguir de que lugar, e do que está sendo falado. A teórica Kristeva bebe na mesma fonte de Bakhtin, que está mais direcionado para o dialogismo, mas é de se considerar que, ainda que os fenômenos sejam os mesmos, o que muda é a questão metodológica, pois a intertextualidade pode estar ligada à crítica da sociedade, o que dá margem a novas questões e avança para novas interpretações e discussões.

No caso das respectivas obras, pode-se afirmar que *A Geração da Utopia* enfrenta seus opositores pela conquista da liberdade, mas não é capaz de materializar esse sonho. Por sua vez, *O Planalto e a Estepe* está dividido em relação à constituição de duas Angolas que se digladiam, resultando na contradição e no conflito, a procura do passado e do presente, aspectos opostos que se imbricam no sonho de melhores perspectivas de futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

]

ALBERTI, V. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de
2011

ADOLFO, S. P. Nkissi Tata Dia Nguzu: *estudo sobre o candomblé congo-angola*. Londrina: EDUEL, 2010.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Trad. Myrian Ávila. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 3.ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Forense, 2003.

BERND, Z. *Introdução à Literatura Negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BERND, Z. *Literatura e Identidade Nacional*. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.-UEMS

ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. 6.ed. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GIACON, E. M. de O. *Viva o povo brasileiro: história e identidade*. Dissertação de mestrado. UNESP- Assis/SP, 2002.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva et al. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, S. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardiã Resende [et al]. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LOPES, S. R. *Literatura, defesa do atrito*. Viseu: Vendaval, 2006.

MORRISON, T. *Jazz*. São Paulo- SP: Ed. Best Seller, 1992.

PEPETELA. *A Geração da Utopia*. Lisboa: Dom Quixote, 2008.

_____ *O Planalto e a Estepe*. São Paulo: Leya, 2008.

PERRONE-MOISÉS, Leila. *Flores da escrivantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Modos de saber, modos de adoecer*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

TUTIKIAN, Jane. Fraga. *A África de Língua Portuguesa: Os Órfãos de Passado & a Busca do Presente*. Porto Alegre: Ed. Nova Prova, 2010.